

Este texto está sujeito à seguinte licença:

Licença Creative Atribuição-Usa Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Portugal Commons

Para este efeito os autores são Ana Vitorino, Carlos Costa e Catarina Martins.

Descarregue, partilhe, utilize e transforme. Mas exclusivamente para fins não comerciais e creditando sempre as autorias originais. E volte a partilhar eventuais obras derivadas deste mesmo modo.

Muna – versão adultos

cena 1 – O Pai

Noite. No quarto o Pai está no cavalo de baloiço com o boneco de um super-herói na mão. Por uma janela entra o luar.

Pai (*off*) - Quem cavalga assim na noite e ao vento?

É o pai que leva consigo o rebento;
Leva nos braços envolta a criança,
Mantém-na quente e em segurança.

Meu filho, porque estás tu a tremer?
Pai, o Rei dos Elfos, não o estás a ver?
O Rei dos Elfos de cauda e coroa?
Meu filho, é só o nevoeiro que voa.

“Linda criança, vem, vem comigo!
Belos jogos jogarei contigo;
O meu reino tem praias com flores decoradas,
A minha mãe tem vestes a ouro bordadas.”

Meu pai, meu pai, não estás a escutar
O que o Rei dos Elfos diz a sussurrar?
Tem calma, meu filho, sossega um momento:
São as folhas secas quando sopra o vento.

“Bela criança, queres vir para cá?
As minhas filhas por ti esperam já.
Elas à noite pelo rio andam
E embalam-te e dançam e para ti cantam.”

Meu pai, meu pai, não estás a vislumbrar?
As filhas dele naquele escuro lugar?
Meu filho, meu filho, o que estou a ver:
São velhos salgueiros na sombra a mexer.

“Eu amo-te, atrais-me, ó belo rapaz;

Mas se não vens a bem, à força virás.”
Meu pai, meu pai, ele está a agarrar-me!
O Rei dos Elfos quer à força levar-me!

O pai, com pavor, lesto cavalgava,
A criança envolta nos braços chorava,
Com esforço chegou por fim a uma porta;
Nos braços a criança estava já morta.

O Pai sai do cavalo. Vai até à cama. Apanha um livro esquecido aos pés da cama. Deita-se com o livro.

cena 2 – O roubo da Lua

Entram dois Munas Estarolas furtivamente. Vêm roubar a Lua. Desaparafusam a Lua com um berbequim e guardam-na num saco. Quando se preparam para sair, sentem que estão a ser seguidos, mas nunca percebem por quem. Saem.

cena 3 – O Muna Lumpa e a Menina das Gaiolas

O Pai levanta-se da cama por causa do barulho dos Munas Estarolas. Entra o Muna Lumpa e começa a reorganizar o espaço. Entra a Menina das Gaiolas que, mal vê o Pai, o ameaça com a arma.

Menina das Gaiolas – Vira-te de costas devagarinho. (o Pai não se mexe, a Menina das Gaiolas começa a rodeá-lo) Já te disse para te virares de costas. Mostra-me as tuas costas!. (olha para as costas do Pai) Acabo de decidir que não tens interesse nenhum para a minha actividade. Tu não voas.

Pai – Como é que sabes?

Menina das Gaiolas – Não tens asas. (sente que o seu saco se está a mexer. Para o saco) Está quieto! Pára! (para o Pai) Estou aborrecida. Queres lanchar? Tenho bicos de pato. Estão fresquinhos. Ainda nem sequer os arranquei. (para o saco) Quietos! (abana o saco com violência) Quietos!

Pai – Pára com isso.

A Menina das Gaiolas bate com o saco no chão. Depois espreita lá para dentro e fica desiludida. O Pai olha para ela.

Menina das Gaiolas – Oh! Foi uma febre que lhe deu. Fiz tudo o que podia. Tudo o que podia. Mas estas febres quando atacam os pequeninos... Os pequeninos são assim.

Pai começa a dar-lhe atenção, horrorizado.

Menina das Gaiolas – É muito complicado. Eles têm órgãos internos muito frágeis e o calor da febre faz-lhes mal. Começam a mexer-se muito, depois têm arrepios e muito frio, mas a temperatura está sempre a subir, e eles não conseguem respirar, o coraçãozinho deles começa a bater muito depressa, nós queremos ajudar, mas não conseguimos. E eles depois ficam apáticos e morrem. (o

Pai não quer ouvir) É impossível evitar. Esta semana já aconteceu três vezes, duas delas com pássaros. Eu ponho-os em gaiolas para eles descansarem. Mas são muitos. Se eu apanhar três pássaros de manhã e conseguir pôr um na gaiola por dia e apanhar mais dois à tarde, mesmo que não ponha nenhum na gaiola, se fizer isso vinte manhãs e dez tardes no verão e dez manhãs e vinte tardes no inverno, e se cada pássaro cá fora ocupar meio metro quadrado e na gaiola ocupar só trinta centímetros quadrados, e se eu fizer isto todos os ciclos da água, desde a maré cheia até ao degelo do outro dia, e conseguir recolher num vidro gigante água condensada em quantidade suficiente para as gaiolas ocupadas, vou ter de arranjar muito mais gaiolas e assim nunca mais chego ao fim. *(tapa os ouvidos por causa do barulho do Muna Lumpa)* Nós não queremos um fim triste. *(bate novamente com o saco, certificando-se que o bicho está morto)*. Um fim triste, não.

Pai – Vai-te embora.

Menina das Gaiolas – Bom. Tenho de me ir embora. Adeus.

Pai tenta voltar ao quarto, mas já não reconhece o espaço.

cena 4 – Os Munas Estarolas perderam a Lua

*Os Munas Estarolas reentram com o saco onde tinham guardado a Lua. Mimam o sucesso do momento em que entregarem a Lua ao chefe. Abrem o saco e vêem que a Lua desapareceu. Choque. Desconfiam um do outro. Acusam-se e fazem queixinhas. Entram em pânico e fogem. O Pai assiste a tudo. Fica a vê-los sair.
Ao longo da cena ouve-se alguém a bater à porta.*

cena 5 – Telecabo

Homem da cabo off – Telecabo! Ficámos de cá vir hoje! Somos da telecabo!

Muna Lumpa entra com um cabo que vai movimentando pelo espaço. Pai olha atónito. Ouvem-se sons que remetem para programas de televisão.

cena 6 – Felizmundo procura a Lua

Entra Felizmundo. Vem a balbuciar com ar compenetrado. Vê o pai, aproxima-se e cumprimenta-o.

Felizmundo – Muito prazer. O meu nome é Felizmundo. Dom Felizmundo. Dono do Cabaret Feliz Mundo. O maior palco do Mundo. Que já conquistou o público de Pretoria, Kinshasa, Luanda, Brazaville, Alvor e Munique.

Pai – *(atónito)* Muito prazer.

Felizmundo – Estou a preparar um número de magia, para fazer neste grande dia, talvez sobre a magia do luar, que a todos vai encantar. E o encanto que nunca se quebra é como uma preciosa pedra, que o público vai descobrir, estando a chorar ou a rir. Como o nosso mágico que teve de partir, quando fez um número de cair. Uma queda desgraçada a da corista, que sem perna só pode fazer de fadista. E o rapaz, que ainda não é capaz...

Pai – Desculpe?

Felizmundo – A corista é uma das melhores. Lembra-me uma outra que conheci, em tempos bem piores, estava eu em Xangai. Era alta, de pernas enormes, que pernas... ai! Pediu-me “xi fói tai miu li tu bi” e eu encabulado retorqui “xon ton fiu li tu mu xiu” e ela matreira concluiu “la xa ne ti xon fiu ti”. Ah!Ah! Ah! O que eu me ri. Para aquilo já não dava, já o tinha feito com uma eslava.

Pai começa a afastar-se. Felizmundo olha para ele e apresenta-se como se o encontrasse pela primeira vez. Entretanto o Muna Lumpa coloca o Croupier em cena, mas não o revela.

Felizmundo – Oh! Desculpe, não o tinha visto. Eu sou Dom Felizmundo. Dono do Cabaret Feliz Mundo. O maior palco do Mundo, da cidade, do continente e quem sabe do país. É um novo cliente? Espero que esteja contente. Estamos abertos todas as noites, até altas horas da madrugada e às vezes até mais tarde.

Pai – *(tentando afastar-se)* Boa sorte! Eu não saio muito.

Felizmundo – Sair, entrar. Sorte e azar. Já conhece o meu Croupier? *(destapa o Croupier)*

Croupier – O cavalheiro joga? O cavalheiro não joga? *(Pai não responde)* Ah! O cavalheiro joga mediante certas condições.

Pai – Eu não disse isso.

Croupier – E Dom Felizmundo joga? Não tem nada a perder. Ou ganha Dom Felizmundo ou ganha a casa. O que é exactamente a mesma coisa.

Felizmundo – Este Croupier leva-me à falência. Se não me tornar rico antes...

Croupier – Joga então o cavalheiro?

Pai – Eu não estou a perceber... o jogo.

Croupier – Não há nada para perceber. Aqui, tudo o que vê *(mostra tentáculos)* é o que está à vista.

Pai afasta-se assustado, mas sem conseguir tirar os olhos dos outros dois.

Felizmundo – O meu último Croupier tinha um cheiro mais agradável, mas fugiu com uma corista bem afável, uma rapariga de Istambul que se despediu furiosa: “ishamalahel tamisahul”. Impossível, garanti-lhe eu, afinal “ishlamanahil ashlananahal” Ah! Ah! Ah! Não há pior que uma corista que se arma em moralista. Ah! A quantidade de pernas que já passaram por estas mãos. As pernas que eu já treinei, as pernas que eu já apalpei, as pernas que eu já queimei, as pernas que eu já beijei! Para o mundo do espectáculo tudo o que é preciso é pernas. Eu posso ter umas costas empenadas, mas as minhas pernas ainda são engraçadas *(faz um pequeno número de sapateado)*.

Croupier – *(para o pai)* Então, o que é que apostamos?

Pai – Eu não aposto nada. Não tenho nada para apostar.

Croupier – Você não aposta nada. Eu não aposto nada. Estamos em igualdade de circunstâncias.

Felizmundo – *(olhando para o Pai)* Perdão. Estava distraído. Eu sou Felizmundo. Dom Felizmundo. Dono do Cabaret Feliz Mundo. O maior palco do Mundo

Pai – E que mundo....

Felizmundo - Pretoria, Kinshasa, Luanda, Brazaville, Alvor e Munique. Esta noite temos um número de magia. Mas antes quero contar-lhe uma história que arrepia. Para o número estou ainda à espera do material, para que nada corra mal. E entretanto vou abrindo o apetite com este pequeno acepipe.

cena 7 – O número do Casal Original

Felizmundo – O Casal Original.

Instala-se um teatrinho de sombras.

Felizmundo – Elizabete Cras nasceu feia e enfezada. Cresceu numa casa suja por entre baratas. Samuel Sarc foi parido numa cave. Foi criado com vinho e com porrada. Cresceram tristes e ao Deus dará. Roubavam nas lojas e batiam nos gatos. Elizabete limpava retretes. Samuel carregava contentores de navio. Elizabete espalhava cocó nas maçanetas. Samuel escondia ratos mortos na carga. Conhecerem-se numa tempestade. Roçaram os ombros à porta de um talho. Foram à praia de sandálias e guarda-chuva. Comeram latas de atum e de feijão. Folheavam revistas de pornografia e riam-se dos velhotes que caíam na rua. No Verão encontraram uma casa num bairro. Pintaram os quartos com tinta lavável. Apalpam-se sem convicção. Tentaram fazer sexo e não conseguiram. Um dia tiveram uma ideia. Compraram roupa nova e arranjaram uma boneca. Cruzaram-se com uma menina chamada Sara. Convenceram-na a ir lanchar lá a casa. Passaram a noite a matar a menina. No fim esquartejaram-na e enterraram os restos. No outro dia sentiram-se contentes. Almoçaram bem e dormiram a sesta. Nos meses seguintes repetiram a festa. Mataram e enterraram mais oito crianças. Usavam instrumentos muito variados. Limpavam a casa com lixívia e detergente. Nunca ninguém suspeitou de nada. Até o cão da vizinha desenterrar um pé. No tribunal não disseram uma palavra. Foram condenados e nem pestanejaram. Levaram-nos de carro para o manicómio. Ficaram em celas sem qualquer contacto. Samuel Sarc gritava de noite. Morreu antes de fazer cinquenta anos. Elizabete Cras batia com os cotovelos no chão. Aos oitenta anos ainda estava viva.

Pai está horrorizado. Os actores do teatro de sombras fazem vénias e saem. O Croupier também sai de cena.

Pai – Que história é esta?

Felizmundo – Uma história verdadeira. Mas se vier ao meu cabaret esta noite, poderá assistir a uma história mais bonita do que esta, que toda a gente detesta.

Pai – É melhor não contar comigo.

Felizmundo – Conto sempre consigo, Alteza. Vai-se divertir, com certeza.

Pai – Duvido que consiga encontrar o seu cabaret.

Felizmundo – Está no bom caminho. E está no meu caminho. Tenho de me ir embora, agora. Estou

a preparar um número. Não sei se lhe disse. E falta-me um elemento para dar brilho ao momento. Como dizia um velho amigo “li nhá bô sé né tó cá”. *(sai)*

cena 8 – Notícias no Muna Lumpa

O Pai tenta acordar. Ouve-se o barulho do rádio despertador. Notícias, trânsito. O pai repara desesperado que sai tudo da boca do Muna Lumpa.

cena 9 – O Ser Alado e a Menina das Gaiolas

O Ser Alado entra a barafustar. Dirige-se deliberadamente ao Pai e dá-lhe um encontrão.

Ser Alado – Sai da frente! O que é que foi? Para que é que estás a olhar? Nunca viste? Pára de olhar para mim, estás a ouvir?

O Pai afasta-se.

Ser Alado – Então agora viras-me as costas? Mete-te nojo, é? Faz-te impressão?

Pai – O quê?

Ser Alado – Achas que eu não sei? Achas que eu não percebo? Como é que te atreves? Eu não sou um triste! *(desata a chorar)* Eu preciso de ajuda! Não sei o que fazer. Ajuda-me. Ajuda-me.

Pai – Eu?

Ser Alado – *(furioso)* Estou a pedir ajuda! Não ouves? Não me ajudas? É isso?

Pai – Estás a pedir-me ajuda? A mim? Porquê?

Ser Alado – Porque és inteligente. Porque és astuto. Porque tens solução para tudo. *(chora)* Ajuda-me, por favor!

Pai – Como?

Ser Alado – Não sei. Tu é que sabes.

Pai – Eu não te posso ajudar. Estás enganado. A sério.

O Ser Alado chora. O Pai está desesperado. Entra o Homem da Garrafa e começa a rir. O Pai olhar para ele espantado. Depois para o Ser Alado que continua a chorar. Um chora, outro ri. O Pai não sabe o que fazer. Entra a Menina das Gaiolas. Aproxima-se e começa a chorar com o Ser Alado.

Menina das Gaiolas – É tudo tão triste *(chora. Depois pára. Para o Pai)* Ele precisa de empatia.

Pai – O quê?

Menina das Gaiolas – É tudo o que posso oferecer empatia. *(chora)*

Ser Alado – *(a chorar)* Uma asinha tão pequenina não devia ser obrigada a crescer sozinha num canto. Eu não aguento mais.

O Homem da Garrafa continua a rir. O Pai divide a atenção entre os vários Muna em cena, sem saber o que fazer.

Menina das Gaiolas – *(para o Ser Alado)* Eu tenho pena de ti, sabes? Toda a gente às vezes se sente assim triste. Como se estivesse num labirinto sem saída. Esticamos a mão para alguém e às vezes agarramos alguma coisa. *(para o Pai)* Tudo o que podemos dar uns aos outros é empatia. *(para o Ser Alado)* Queres ir para um sítio com cores mais bonitas e onde há mais ar?

Ser Alado – Quero.

Menina das Gaiolas – Eu ajudo-te. Deixas-me ajudar-te?

Ser Alado – Deixo.

Menina das Gaiolas – Tens de querer muito. Esquecer a dor. Tens de confiar em mim. Tens de te libertar da dor e deixar-te ir. Eu tenho uma coisa que te vai ajudar. Estás pronto?

Ser Alado – Estou.

Menina das Gaiolas começa a sufocar o Ser Alado, que não resiste.

Menina das Gaiolas – Não resistas. Esquece a dor. Deixa-te ir.

Pai – Mas ele assim vai morrer.

Menina das Gaiolas – *(para o Ser Alado)* Confia, confia! Só mais um bocadinho... Pronto!*(o Ser Alado cai. Para o Pai)* A confiança é uma coisa tão bonita, não é? Até já! *(sai arrastando consigo o Ser Alado).*

cena 10 – A Mulher e o Homem da Garrafa

O Homem da Garrafa continua a rir. O Pai está cada vez mais desesperado.

Pai – Estás a rir-te daquele pobre coitado? *(o Homem da Garrafa continua a rir)* Estás a rir-te de mim? *(o Homem da Garrafa continua a rir)* Cala-te! *(o Homem da Garrafa continua a rir)* Pára!

O Homem da Garrafa continua a rir. O Pai está furioso. Tira-lhe a garrafa e atira-a ao chão. O Homem da Garrafa cala-se. O Pai vira-lhe as costas. O Homem da Garrafa dá uma última gargalhada. Surge a Mulher. O Pai fica parado a olhar para ela.

Mulher – Já falei com a senhora da limpeza. As contas estão pagas. Acabei por não marcar o arranjo do estore, mas o número está em cima da mesa. A telecabo ficou de vir para a semana. Ligam antes, para combinar. Não te esqueças da roupa que está na lavandaria. Eu passo por cá mais tarde para levar o resto das coisas. Deixei tudo empacotado na minha metade do armário. Desculpa. Avisas-me se chegar correio? Podes deixá-lo na caixa. Eu fico com a chave e vou lá buscar. Não tenho de subir. Se decidires arrumar as coisas dele, chama-me. Fazemos os dois. Se quiseres. Já não tenho força. Não aguento mais. Não tenho força para dois. Não consigo ter força pelos dois. Desculpa. Adeus. *(sai)*

cena 11 – Felizmundo, seu Segurança e o número dos homens perdidos

Pai fica o olhar para o sítio onde estava a Mulher. Entra Felizmundo com o seu Segurança.

Felizmundo – *(entra a balbuciar)* São muito tristes, todas estas histórias. Muito tristes estas histórias. *(vê o pai e aproxima-se)* Oh! Peço desculpa. Eu sou Dom Felizmundo. Dono do Cabaret Feliz Mundo. O maior palco do Mundo, do país, do continente e quem sabe desta cidade.

Pai – *(agastado)* Muito prazer.

Segurança aproxima-se. Pai prepara-se para o cumprimentar também. O Segurança bate-lhe e ele cai ao chão. O Pai repara admirado que o Segurança é igual ao boneco que tem na mão.

Felizmundo – Se tudo correr bem, esta noite serei um ilusionista acompanhado por um grande pianista. É um jovem talento, que já acompanhou Dom Felizmundo em números de ilusionista, cançonetista e humorista, nos palcos de Pretoria, Kinshasa, Luanda, Brazaville, Alvor e Munique. Ficou algo atarracado quando o piano o esmagou, mas é um artista empenhado e ainda assim não o largou.

Segurança volta a bater no Pai.

Felizmundo – *(para o Segurança)* Sabes rapaz, por agora estou capaz de trocar o número de ilusão por um número com uma canção. Não lhe estragues a cara. *(para todos)* Neste cabaret tão especial, cheio de histórias e de emoções, de danças e de canções, de magia e... etc e tal, vamos cantar uma canção, vamos contar uma canção. Cantar, contar, cantar, contar... A canção dos dois homens perdidos. *(para o Pai)* Para ouvir até ao fim. Você vai querer fugir, mas eu não o deixo ir.

Segurança posiciona-se a si a ao Pai nos lugares certos para ilustrarem a cantiga. Felizmundo canta.

Felizmundo – Estava um homem no deserto
Um homem perdido
Traído pelos amigos
Num lugar incerto

Coitado do homenzinho
Tão perdido e só
Sem ter água nem comida
Coitadinho, oh!

Segurança – Oh! Oh! Oh!

Estava um homem na floresta
Um homem perdido
Tinha ido à aventura
E a maior foi esta.

Coitado do homenzinho
Estava preparado
Tinha água e comida

E esperou sentado

Pai – Deixem-me em paz!

Felizmundo – No deserto escaldante
O homem sofreu
Passou dias e semanas
Ao sol delirante.

O homem já sem esperança
de sobreviver
deitou-se na areia quente
e esperou morrer

Segurança – Ai, que morro! É o fim!

Felizmundo – Na floresta isolado
O homem esperou
Passou dias e semanas
Na tenda abrigado

O homem acreditando
Que ia viver
Foi bebendo, foi comendo
Até já nada ter.

Pai – O que é que vocês querem?

Felizmundo – No deserto o moribundo
Resolveu gritar
Deu um grito lancinante
Fez tremer o mundo

Segurança grita.

Felizmundo - E alguém ouviu os gritos
Alguém o salvou
Foi salvo o homem que
A morte recusou.

Segurança mima a vitória.

Felizmundo – Na floresta convencido
Que o encontravam
O homem que não gritava
Ficava perdido

Pai – Estou tão farto.

Nunca mais ninguém o viu
Ninguém o salvou
O não ter pedido ajuda

Foi o que o matou.

Pai – Eu só queria ficar sozinho.

Felizmundo – *(insatisfeito com a letra da canção)* Por não ter pedido ajuda, se tivesse pedido ajuda, porque ele não gritou, ninguém ajudou *(olha para o Pai que está no chão com dores)* Parece-me que o cavaleiro já bebeu demais. *(volta à letra da canção)* ninguém o salvou, o que o condenou, ninguém o salvou, foi o que o matou.

Felizmundo sai seguido do Segurança.

cena 12 – O Cavaleiro Medieval

O Pai está no chão.

Cavaleiro Medieval – *(ainda fora de cena)* Olha para mim! Olha para mim! Estás bem? *(entra e aproxima-se do Pai)* Estás bem ? Onde é que estiveste este tempo todo? Pensei que te tínhamos perdido outra vez. Levanta-te. Eu ajudo-te. *(ajuda Pai a levantar-se)*

Pai – *(levantando-se)* Obrigado.

Cavaleiro Medieval – Estás com dores? Sentes-te bem? Apoia-te em mim. Não estás sozinho. Sabes que podes sempre contar comigo. A donzela disse-me que se ia embora. Não te apoquentes. Deixemos as donzelas para trás. Vamos, mais uma vez, eu e tu, como sempre, unha com carne. *(saca das espadas)* Eu e tu, lado a lado, coragem e sagesa. O valente que não é prudente é um louco e o prudente que não sabe ser valente é um covarde. Nós os dois juntos vamos conquistar a alegria, mais do que optimismo, mais do que euforia, vamos conquistar o furor e o transe dos guerreiros.

O Cavaleiro dá uma das espadas ao Pai. O Pai pega na espada atónito.

Pai – É pesada.

Cavaleiro Medieval – Tem o peso da nossa demanda. Aos cavalos, vamos!

Pai larga a espada.

Cavaleiro Medieval – Então, não me acompanhas? Quem não está comigo está contra mim. Defende-te. *(ameaça o Pai com o espada e começa uma luta sozinho que o vai tirando de cena)* Covarde. A espada é a arma do espírito. A defesa dos mais fracos deve ser levada até ao sacrifício da própria vida. Quem não está na demanda não merece o privilégio do nome cavaleiro. Não há nobreza na inércia. Não há vitória sem luta. E as crianças? Como te atreves a trair a irmandade das armas? O equilíbrio do corpo e do grupo? Aos cavalos!

O Muna Lumpa entra à medida que o Cavaleiro Medieval sai. Traz objectos em perigo que vai passando ao Pai até conseguir estabilizar a cena.

cena 13 – Os Distribuidores de Jogo

O Distribuidor de Jogo 1 aproxima-se numa coreografia incompreensível. O Pai interpreta a postura como agressiva e prepara-se para se defender. Mas acaba por perceber que o Distribuidor

de Jogo 1 está a jogar ao pedra, papel e tesoura. Joga com ele e ganha.

Pai – Ganhei.

Distribuidor de Jogo 1 – Achavas que era assim tão fácil? (*torna a lançar o jogo. O Pai não responde*) Joga!

Pai - Porquê?

Distribuidor de Jogo 1 – Porque não?

Pai – Porque não tenho nada.

Distribuidor de Jogo 1 – Não tens nada. Porque não jogar?

Pai – Não há nada a ganhar.

Distribuidor de Jogo 1 – Se não jogares, perdes.

Pai – Isso não é justo.

Distribuidor de Jogo 1 – Ninguém disse que era.

Pai – E se eu recusar?

Distribuidor de Jogo 1 – Joga.

Jogam. O Distribuidor de Jogo 1 saca a tesoura e o Pai a pedra. Ameaçam-se mutuamente. O Distribuidor de Jogo 1 desaparece. Aparece o Distribuidor de Jogo 2 a passar uma bolinha de uma mão para a outra.

Distribuidor de Jogo 2 – Hei! Onde está a bolinha? Bolinha numa mão, bolinha noutra mão. Será que a bolinha pode estar em nenhuma mão?

Pai desvia-se e tenta andar. Distribuidor de Jogo 2 corta-lhe o caminho.

Distribuidor de Jogo 2 – Hei! Onde está a bolinha? Bolinha numa mão, bolinha noutra mão. Temos de achar a bolinha antes de cair ao chão.

Pai – Eu não quero jogar.

Pai desvia-se e tenta andar. Distribuidor de Jogo 2 corta-lhe o caminho.

Distribuidor de Jogo 2 – Hei! Onde está a bolinha? Bolinha numa mão, bolinha noutra mão. Será que a bolinha pode estar em nenhuma mão?

Pai – Não tenho nada para jogar. Não tenho nada para apostar.

Distribuidor de Jogo 2 – Você não aposta nada, eu aposto tudo. A minha bolinha contra a minha sorte.

O Pai bate-lhe na mão. Ganha. O Pai desvia-se, mas o Distribuidor de Jogo 2 corta-lhe o caminho.

Distribuidor de Jogo 2 – Hei! Onde está a bolinha? Você não aposta nada, eu aposto tudo. A minha fortuna contra a minha bolsa.

O Pai bate-lhe na mão. Ganha. O Pai desvia-se, mas o Distribuidor de Jogo 2 corta-lhe o caminho.

Distribuidor de Jogo 2 – Hei! Onde está a bolinha? Você não aposta nada, eu aposto tudo. A minha vida contra a minha família.

O Pai bate-lhe na mão. Ganha. O Pai desvia-se e tenta andar. Está em frente ao Croupier. O Distribuidor de Jogo 2 desaparece.

cena 14 – O Croupier

Croupier – Aqui não se aposta tudo. Só se aposta o que se tem a perder. E se não tem nada a perder, tem tudo a ganhar. Quer arriscar tudo? Está disposto a perder tudo? Está preparado para não ganhar nada?

Pai – Não estou à espera de ganhar nada.

Croupier – Ótimo. Hoje joga-se, portanto, forte. Jogamos tudo? (*Pai não responde*) Hoje jogamos muito. Quer baralhar? (*passa as cartas ao Pai que pega nelas e as devolve*). Quem parte com arte não dá mais do que a sua parte. O que aposta o cavalheiro?

Pai – Já disse que não tenho nada para apostar.

Croupier – Está aqui e tem um boneco.

Pai – Você é meu pesadelo.

Croupier – Vamos então.

Pai – Sou obrigado a jogar?

Croupier – (*dando as cartas*) Já estamos a jogar. Atar uma corda ao pescoço pode estrangular. Aqui estão as suas cartas. Aposta em quê. Aposta na mulher? Aposta no homem? Aposta na espada? Aposta no coração? Aposta no príncipe? O que é que lhe falta?

Pai – Tenho um par.

Croupier – Tem um par. Quem tem um par tem tudo. Quem está só está só. (*redistribui as cartas*) Tem uma base e dois ponto de fuga. Tem um par. O que é que quer?

Pai – Quero um trio.

Croupier – Quer um trio. É ambicioso. E o que é que arrisca?

Pai – Não arrisco nada. Não tenho jogo para arriscar.

Croupier – Pede um trio e não tem nada para arriscar. (*redistribui as cartas*) Quem brinca com as portas pode entalar os dedos. Quem enfia um saco na cabeça pode sufocar. Quer arriscar? Tem um

ponto de fuga e nenhuma base. Tinha um par. O que é que quer?

Pai – Quero tudo.

Croupier – O cavalheiro quer tudo e não arrisca nada. Eu arrisco por si. Se ganhar ganhou, se perder perdeu. (*redistribui as cartas*) Nenhuma base, nenhum ponto de fuga. Já teve um par. Quer continuar a apostar?

Pai - Quero tudo outra vez. Não tenho nada a perder.

Croupier - O cavalheiro quer tudo a crédito e a casa não lhe dá crédito. O cavalheiro não jogou o seu jogo. O jogo acabou e o cavalheiro perdeu. (*tira o boneco ao Pai*)

cena 15 – A Corista

O Pai fica perplexo com o Croupier. Antes que consiga reagir ao roubo do boneco, a Corista senta-se ao seu colo.

Corista – Pode dizer-me como é que veio parar a esta espelunca, já que eu não tenho outro remédio? (*levanta-se, mas fica sempre a gravitar em torno do Pai*) Acredita que a vida é contada pelas cartas? Quer ver? (*para o Croupier*) Dá-me uma carta. (*o Croupier passa-lhe uma carta*) Não gosto. (*deita a carta fora*) Dá-me outra.

Pai – Pode pedir outras cartas? Ninguém me disse que se podia pedir cartas novas.

Corista – Observe e aprenda. (*pega na carta que o Croupier lhe estende*) Não gosto. (*deita a carta fora*) Dá-me outra. (*o Croupier passa-lhe uma carta*) Não gosto. (*deita a carta fora*) Esqueça. Fica para outro dia. (*rude*) Isto de trabalhar com o raio do velho... (*falsamente interessada*) Fale-me de si. Fale-me do seu passado.

Pai – Não tenho nada para dizer.

Corista – Não precisa de ser original. Diga-me qualquer coisa. Quer que eu adivinhe? (*tira o baralho ao Croupier*) Um, está só. Dois, é casado. Três, tem um filho. Quatro, comprou casa. Cinco, o vizinho casou-se. Seis, já não me lembro. (*rude*) Que tédio! (*falsamente sedutora*) Acha o meu sorriso simpático? Gosta da maneira como eu deslizo? Quer ver-me mudar de pele, devagarinho, como fazem as cobras? Quer? (*rude*) Aborrece-me tanto este cabaret. (*implorando*) Leve-me daqui.

Pai – Eu nem a conheço.

Corista – Não me conhece? Como é que não me conhece? Estou a falar consigo há dois minutos. A minha pausa é de três minutos. Já só tenho mais um minuto. (*implorando*) Leve-me daqui. É tudo tão esquisito. Começou tudo a ficar esquisito, depois daquele roubo da Lua. Foi uma coisa lenta, quase imperceptível. Como se aos poucos as vidas se fossem desacelerando, os corações empedernindo, as mentes derretendo e as coisas fossem saindo do seu sítio.

Pai – O quê?

Corista – Alguns clientes começaram a ter sono a horas totalmente inusitadas, às vezes chegavam mesmo a encostar-se aos outros. Tão pouco tempo sem luar, mas o suficiente para cavar um

buraquinho na continuidade das coisas. Sabe, é sempre nestes pequenos intervalos que o mundo muda de feições sem parecer mudar nada. Quando damos conta já apareceu uma lua de substituição e ninguém parece reparar na diferença. É tudo uma questão de brilho.

Pai – Em segundos pode mudar tudo.

Corista – Já só tenho trinta segundos. Diga-me qualquer coisa. Dê-me uma flor. Leia-me um poema. Pague-me um gin. Faça qualquer coisa.

Pai – Pago-lhe um whisky. (*alto*) Um whisky duplo. Ou dois. Ou um triplo.

cena 16 – Felizmundo e a Lua morta

Felizmundo entra, seguido do Segurança. Trazem a Lua numa campânula coberta.

Felizmundo – Isso é complicado. A maioria dos empregados desta casa só tem dois braços. O único que tem oito está reservado para o casino. Por isso no máximo trazem-lhe um whisky duplo, agora um triplo não dá. (*apresentando-se*) O meu nome é Felizmundo. Dom Felizmundo. Sou dono do cabaret Feliz Mundo, o maior palco do mundo. O sítio onde o público ri, até ter vontade de fazer xixi. E esta noite temos para apresentar um número de assombrar. Um número de magia que vos dará grande alegria

Pai – Magia? Que bom. Estava farto do jogo e das suas cantorias.

Felizmundo – (*para o Segurança*) Rapaz, está tudo preparado?

Croupier – A mesa de jogo está fechada.

Corista – (*para o Pai*) Prepare-se para a fantochada.

Felizmundo – (*para a Corista*) Vamos, então.

Felizmundo e Corista assumem os papéis do mágico e sua assistente.

Felizmundo - Senhoras e senhores, o espectáculo vai começar. Depois de Pretoria, Kinshasa, Luanda, Brazaville, Alvor e Munique, chega agora a este lugar um número de assombrar. Preparem-se para uma luz tal como não há outra igual. Eis uma magia de encantar. Eis a magia do luar. Um, dois, três (*faz sinal à Corista para destapar a campânula.*)

A Corista retira o pano. A lua não brilha.

Felizmundo - Maravilhoso, não é? Não há número igual no mundo (*olha para a campânula e vê que não brilha*) Oh rapaz! Então a Lua? Onde está o luar? A Lua não brilha?

Segurança – A Lua não brilha.

Corista – A Lua não brilha.

Croupier – A Lua não brilha.

Felizmundo - Não há luar? A Lua não brilha! Está estragada. Apagada. Desligada. Que desilusão.

Segurança – Que desilusão.

Corista – Que desilusão.

Croupier – Que desilusão.

Felizmundo - Que grande trambolhão. O número da noite está arruinado e Dom Felizmundo desesperado. *(para o Pai)* Sua Majestade, não fique irritada, tenha bondade, prometo-lhe que no final da noite ficará agradada. Há sempre uma solução, temos pernas, temos pão, temos uma história e uma canção. La mê ná ficaté ondéli ti mênúé.

Pai – Nada funciona. Não vamos a lado nenhum.

Corista – Temos de avançar

Croupier – Vamos avançar.

Segurança – Avançamos sempre.

cena 17 – O número do Rei dos Elfos

Felizmundo - La mê ná ficaté ondéli ti mênúé. Vamos ao Goethe final. O rapaz faz o papel principal e Sua Majestade *(aponta o pai)* assume o seu papel natural.

Corista leva o Pai. Começa a vesti-lo e maquilha-lo. O Segurança agarra no boneco que foi tirado ao Pai.

Felizmundo – Esta é uma história de partir o coração, que tem passado de geração em geração.

Segurança aplaude.

Felizmundo – A história de uma criança doente com uma febre delirante e do pai que quis levá-la ao médico que morava num lugar distante. Saíram os dois a cavalo na noite escura...

Segurança - ... a cavalo?

Felizmundo – ... sim, porque não havia carros naquela altura.

Segurança – Quando é que isso foi?

Felizmundo – Esta história de estarrecer aconteceu muito antes do meu avô nascer.

Segurança – Como era o cavalo?

Felizmundo aponta para o cavalo de baloiço que entra em cena.

Felizmundo – A cavalo com o filho embrulhado num cobertor, o pai atravessa a floresta no meio de uma tempestade, um verdadeiro horror. E no meio de todo aquele pesadelo a criança doente via

monstros e bichos nas sombras à sua frente.

Segurança – Bichos na floresta?

Felizmundo – Sim, dizem que é habitual.

Segurança - E monstros?

Felizmundo - Aí é que estava o mal: um monstro de cauda e coroa que tem capa mas não voa, chamava pela criança.

Segurança – Quem era?

Felizmundo – Era o Rei dos Elfos.

Segurança – E o que é que ele queria?

Felizmundo – Queria a criança.

Segurança – Para quê?

Felizmundo – Ele fazia colecção de crianças.

Segurança – Ele é mau?

Felizmundo – Ele é muito mau.

Segurança– E a criança estava a ver o Rei dos Elfos?

Felizmundo – Dizia que sim.

Segurança– Mas o pai não estava a ver?

Felizmundo – O pai não estava a ver.

Segurança – Que medo!

Felizmundo – É mesmo para ter medo. Esta história sensacional, garanto, estimado público, vai mesmo acabar mal. E agora, em cena quem é de cena e quem não se quer ir embora!

Segurança vai para o cavalo. Corista posiciona o Pai. Croupier está a postos.

Felizmundo - Quem cavalga assim na noite e ao vento?

É o pai que leva consigo o rebento;
Leva nos braços envolta a criança,
Mantém-na quente e em segurança.

Segurança (para o boneco) - Meu filho, porque estás tu a tremer?

Corista - Pai, o Rei dos Elfos, não o estás a ver?

O Rei dos Elfos de cauda e coroa?

Segurança (*para o boneco*) - Meu filho, é só o nevoeiro que voa.

Hesitação. Silêncio. Todos olham para o Pai.

Felizmundo (*para o Pai*) – É a sua deixa. Vamos lá! Já conhece a história. Este é o seu papel...

Pai - Linda criança, vem, vem comigo! (*o número retoma-se*)

Belos jogos jogarei contigo;
O meu reino tem praias com flores decoradas,
A minha mãe tem vestes a ouro bordadas.

Corista - Meu pai, meu pai, não estás a escutar
O que o Rei dos Elfos diz a sussurrar?

Segurança - Tem calma, meu filho, sossega um momento:
São as folhas secas quando sopra o vento.

Pai - Bela criança, queres vir para cá?
As minhas filhas por ti esperam já.
Elas à noite pelo rio andam
E embalam-te e dançam e para ti cantam.

Corista - Meu pai, meu pai, não estás a vislumbrar?
As filhas dele naquele escuro lugar?

Segurança (*para o boneco*) - Meu filho, meu filho, o que estou a ver:
São velhos salgueiros na sombra a mexer.

Pai - Eu amo-te, atrais-me, ó belo rapaz;
Mas se não vens a bem, à força virás.

O Pai rouba o boneco ao Segurança.

Corista - Meu pai, meu pai, ele está a agarrar-me!
O Rei dos Elfos quer à força levar-me!

Felizmundo - O pai, com pavor, lesto cavalgava,
A criança envolta nos braços chorava,
Com esforço chegou por fim a uma porta;
Nos braços a criança estava já morta.

Os artistas dão o número por terminado. O Pai fica isolado com o boneco na mão. Felizmundo aproxima-se enquanto os outros vão saindo.

Felizmundo – Tenho que lhe dar os meus parabéns. Não foi uma noite feliz, é o que toda a gente diz, mas ainda assim não esteve mal. Estreou-se num papel maior, podia ter corrido bem pior. (*afastando-se*) Tenho que arranjar uma história mais bela, uma história também comovente, mas se calhar com um final diferente. O rapaz ainda não tem... eu precisava de arranjar outro... e de outro pianista... o aquário tem de ser lavado... e a corista, ai a corista...

Felizmundo sai. Em cena está o Pai, o cavalo de baloiço, a cama e a Lua.

cena 18 – De volta ao quarto

Noite. No quarto o Pai está deitado na cama. Por uma janela entra o luar.

FIM

Lengalenga em off para início e fim do espectáculo

Pai - Porque é que a água quente é perigosa?

Criança - Porque posso queimar-me.

Pai - Porque é que as tomadas são perigosas?

Criança - Porque posso apanhar um choque.

Pai - Porque é que as escadas são perigosas?

Criança - Porque posso cair.

Pai - Porque é que as facas são perigosas?

Criança - Porque posso cortar-me.

Pai - Porque é que a banheira é perigosa?

Criança - Porque posso escorregar.

Pai - Porque é que as gavetas são perigosas?

Criança - Porque posso entalar-me.

Pai - Porque é que os detergentes são perigosos?

Criança - Porque posso envenenar-me.

Pai - Porque é que os sacos são perigosos?

Criança - Porque posso sufocar.

Pai - Porque é que as agulhas são perigosas?

Criança - Porque posso espetar-me.

Pai - Porque é que subir a armários é perigoso?

Criança - Porque posso ser esmagado.

Pai - Porque é que abrir a porta a estranhos é perigoso?

Criança - Porque pode ser um ladrão.

Pai - Porque é que passear é perigoso?

Criança - Porque posso perder-me.

Pai - Porque é que atravessar a rua é perigoso?

Criança - Porque posso ser atropelado.

Pai - Porque é que os cães são perigosos?

Criança - Porque podem morder-me.

Pai - Porque é que o mar é perigoso?

Criança - Porque posso afogar-me.

Pai - Porque é que o frio é perigoso?

Criança - Porque posso adoecer.

Muna – versão infantil

cena 1 – Os Pais

Criança - Meninas e meninos, senhoras e senhores, o espectáculo vai começar. É favor não perturbar: telemóveis desligar e nada de fotografar.

Tenho para vos vou contar uma história de assombrar.

Um dia eu estava doente e os meus pais estavam preocupados. Andavam de um lado para o outro, à volta da minha cama. Eu estava deitadinho e cheio de febre.

Noite. No quarto da Criança. Por uma janela entra o luar. No chão o boneco de um super-herói. Debaixo da cama, um tapete.

Mãe – Está com frio

Pai – Está cheio de febre

Mãe vai buscar uma manta

Pai – É melhor não o tapar muito.

Mãe – Mas ele está a tremer.

Criança – Tenho frio.

Mãe põe a manta.

Mãe – Vou buscar um leitinho.

Pai – Eu conto-te uma história.

Mãe sai. Pai tem um cavalinho na mão que vai usar para contar a história.

Pai - Era uma vez um menino como tu. Que estava doente.

Criança – Doente como eu?

Pai – Sim. Tinha febre, como tu. Mas estava muito pior. E o pai do menino queria levá-lo ao médico, mas o médico morava muito longe. E então o pai decidiu levá-lo a cavalo.

Criança – A cavalo?

Pai – Sim, porque naquele tempo não havia carros. As pessoas andavam a cavalo.

Criança – Quando é que isso foi?

Pai – Há muito tempo. Antes do avô nascer.

Criança – Como era o cavalo?

Pai – Era branco. Um dia o pai leva-te a andar de cavalo. Então... o pai embrulhou o filho num cobertor, porque estava muito mau tempo, e lá foram os dois a cavalo. Iam pela floresta e estava

uma tempestade terrível: vento, chuva. E o menino estava tão doente que começou a ver monstros e bichos.

Criança – Mas eu também vejo bichos.

Pai – Mas estes eram muito maus. E a certa altura o menino começou a ouvir uma voz que o chamava.

Criança – Quem era?

Pai – Era o Rei dos Elfos.

Criança – Quem é esse?

Pai – É uma espécie de monstro, que tem uma cauda e usa uma coroa.

Criança – E o que é que ele queria?

Pai – Queria o menino.

Criança – Para quê?

Pai – Ele fazia colecção de meninos.

Criança – Ele é mau?

Pai – Ele não existe.

Criança – E se existisse?

Pai – Se existisse era muito mau.

Criança – E o menino estava a ver o Rei dos Elfos?

Pai – Ele dizia que sim.

Criança – Mas o pai não estava a ver?

Pai – O pai não estava a ver.

Criança – Tenho medo.

Pai – Não tenhas. É só uma história. Tu já és crescido. Ouve até ao fim que esta história vai acabar bem. Fecha os olhos. Eu vou ler:

Quem cavalga assim na noite e ao vento?

É o pai que leva consigo o rebento;

Leva nos braços envolta a criança,

Mantém-na quente e em segurança.

Meu filho, porque estás tu a tremer?

Pai, o Rei dos Elfos, não o estás a ver?

O Rei dos Elfos de cauda e coroa?
Meu filho, é só o nevoeiro que voa.

“Linda criança, vem, vem comigo!
Belos jogos jogarei contigo;
O meu reino tem praias com flores decoradas,
A minha mãe tem vestes a ouro bordadas.”

Meu pai, meu pai, não estás a escutar
O que o Rei dos Elfos diz a sussurrar?
Tem calma, meu filho, sossega um momento:
São as folhas secas quando sopra o vento.

“Bela criança, queres vir para cá?”

O Pai pára de ler porque vê que a Criança está a dormir. Põe-lhe o cavalinho na mão, chega uma das mantas para trás e sai.

cena 2 – Os Munas Estarolas

Entram dois Munas Estarolas furtivamente. Tentam alcançar a Lua sem sucesso repetidas vezes. Fazem mais barulho do que julgam. De repente têm uma ideia brilhante e saem. A Criança acorda com o barulho dos dois.

cena 3 – Super-herói

A Criança senta-se na cama. Espreguiça-se. Surpreende-se com o tamanho dos seus braços. Solta uma exclamação e surpreende-se com a sua voz. Testa a voz.

Criança – Uau. Que vozeirão. *(levanta-se)* Ena. Estou tão alto.

Mede a altura aos palmos e aprecia a amplitude dos braços.

Criança – Ó papá, ó mamã. Já estou melhor. *(olha para o corpo)* Bem melhor. O xarope fez-me mesmo bem. *(pega no boneco do super-herói)* Eu sou o meu super-herói favorito. Na escola ninguém vai acreditar. Espera lá, a escola é para meninos e eu já não sou um menino.

Dá um salta à homem aranha. Levanta a cama. Tenta partir a cama com golpe de karaté e aleija-se na mão. Fica admirado. Ouve alguém que se aproxima, agarra o cavalinho e esconde-se.

cena 4 – O roubo da Lua

Os Munas Estarolas regressam com um berbequim. Desaparafusam a lua e guardam-na num saco. Estão muito excitados e contentes. Quando se preparam para sair, sentem que estão a ser seguidos, mas nunca percebem por quem. Saem.

cena 5 – O Muna Lumpa e a Menina das Gaiolas

A Criança afastou-se da cama para seguir os Muna Estarolas. Entra o Muna Lumpa e começa a reorganizar o espaço. Entra a Menina das Gaiolas que, mal vê a Criança, a ameaça com a arma.

Criança – Quem és tu?

Menina das Gaiolas – Vira-te de costas devagarinho.

Criança – *(enquanto se vira)* Quem és tu?

Menina das Gaiolas - Acabo de decidir que não tens interesse nenhum para a minha actividade.

Criança – *(aliviada)* Porquê?

Meninas das Gaiolas – Porque não voas.

Criança – Como é que sabes?

Menina das Gaiolas – Não tens asas.

Criança – Mas consigo voar.

Menina das Gaiolas – Então voa lá.

Criança – Queres mesmo ver?

Menina das Gaiolas – Quero.

Criança – Estás preparada?

Menina das Gaiolas – Estou.

Criança – Agora não me apetece.

Menina das Gaiolas – Queres lanchar?

Criança – O que é que tens aí?

Menina das Gaiolas – Bicos de pato.

Criança – Com fiambre?

Menina das Gaiolas – Não sei o que é que têm. Ainda não os arranquei.

Criança – O quê? patos verdadeiros? Não é pão?

Menina das Gaiolas – Também tenho pão.

Criança – Com quê?

Menina das Gaiolas – Com esquilo. Queres uma sandes de esquilo?

Criança – Que nojo!

Menina das Gaiolas – Também tenho de panda. Queres uma sandes de panda?

Criança – Que nojo! Porque é que fazes mal aos bichos?

Menina das Gaiolas – Eu não faço mal aos bichos.

Criança – Apanhas passarinhos.

Menina das Gaiolas – Só apanho os que têm asas.

Criança – E o que é que lhes fazes?

Menina das Gaiolas – Guardo-os em gaiolas.

Criança – Mas eles assim não podem voar.

Menina das Gaiolas – Pois não. Mas podem fazer uma sesta.

Criança – Tu és esquisita e má.

Menina das Gaiolas fica chateada e tenta matá-lo.

Menina das Gaiolas – Eu não te queria fazer mal, mas vai ter de ser. Despede-te do mundo. Um dois três (*toma balanço e tenta acertar-lhe com a arma*).

A Criança desvia-se e ela desiste.

Criança – Afasta-te de mim.

Menina das Gaiolas anda de costas, aproximando-se.

Menina das Gaiolas – Estou a afastar-me.

Criança – Não estás nada. Vai-te embora.

Menina das Gaiolas – Tenho de me ir embora. Adeus.

Criança – Ei! Como é que te chamas?

Menina das Gaiolas – Muna, como é que havia de me chamar? Estamos em Muna, chamo-me Muna.

Criança – Muito prazer. (*e prepara-se para lhe dar um beijo*)

Menina das Gaiolas – (*fugindo ao beijo*) Que é isso?

Criança – Um beijo. Tens de pôr aqui a cara.

Menina das Gaiolas – Que nojo. Tu és esquisito. Adeus.

Menina das Gaiolas sai.

cena 6 – Os Munas Estarolas perderam a Lua

Os Munas Estarolas reentram com o saco onde tinham guardado a Lua. Mimam o sucesso do momento em que entregarem a Lua ao chefe. Abrem o saco e vêem que a Lua desapareceu. Choque. Desconfiam um do outro. Acusam-se e fazem queixinhas. Entram em pânico e fogem. A Criança assiste a tudo. Fica a vê-los sair.

cena 7 – O Tapete é um Monstro

O Tapete começa a mexer-se. A Criança acha que está a ver mal. O tapete começa a levantar-se e a Criança fica com medo. O tapete tem ataque de espirros e volta ao chão. Fica imóvel.

cena 8 – Dom Felizmundo procura a Lua

A Criança está em postura defensiva a olhar para o tapete. Entra Felizmundo e assusta-a.

Felizmundo – O meu nome é Felizmundo. Dono do Cabaret Feliz Mundo. O maior cabaret do Mundo.

Criança – O que é um Cabaret?

Felizmundo – Um Cabaret é um teatro especial, com histórias e emoções, com danças e canções, com magia e... etc e tal. E o Cabaret Feliz Mundo é o maior palco do mundo. O sítio onde o público ri até ter vontade de fazer xi-xi.

Criança - *(ri)* Deve ser giro.

Felizmundo – Serás tu capaz, meu rapaz, de ver um número de magia? De ver um dia um número de magia, rapaz? Serás capaz?

Criança – O quê?

Felizmundo – Dom Felizmundo. Dono do Cabaret Feliz Mundo. O maior palco do Mundo. O sítio onde o público ri até ter vontade de fazer xi-xi.

Criança – *(ri)* Eu gosto de magia.

Felizmundo – E hoje é o grande dia do número de magia. *(preocupado)* Mas sem o material, o número vai correr mal.

Criança – O que é que se passa?

Felizmundo – Ando à procura da sua, da sua...

Criança – Da sua?...

Felizmundo – Da tua...

Criança – Da minha?

Felizmundo – Da rua...

Criança – Qual rua?

Felizmundo – Da Lua, da Lua. Ando à procura da Lua. O número é de assombrar: é a magia do luar! E a verdade, rapaz, é que sem ela não se faz. Não a viste, rapaz? *(começa a sair)*

Criança – Eu por acaso vi dois indivíduos... *(para ao ver que o Felizmundo se está a ir embora e grita)* Velhote!

Felizmundo – Rapaz?

Criança – Se eu a encontrar o que é que me dás?

Felizmundo – Dou-te os parabéns, mas acho que não vais ser capaz. *(sai)*

cena 9 – A Mãe salva a Criança do Monstro Tapete

A Criança fica a olhar para o Felizmundo a sair e o Tapete começa a levantar-se. A Criança vê o Tapete, assusta-se e foge. O Tapete persegue-a. Correm. A Mãe interrompe a perseguição. Acalma a Criança e sai levando o Tapete.

cena 10 – O Ser Alado e a Menina das Gaiolas

Entra o Ser Alado. Vem a reclamar com alguém.

Ser Alado – Gozem, gozem. Toda a gente goza com o Muna. *(vê a Criança)* Olá! Não me chateies. Achas piada? Estás a gozar comigo? Pode acontecer em qualquer família. Aconteceu na minha, pode acontecer na tua.

Criança – Do que é que estás a falar?

Ser Alado – Das minhas asas. São pequenas e ridículas. E não consigo voar com elas. Estás contente? Estás contente? Estás a rir-te do quê? Tu nem sequer tens asa nenhuma. Eu pelo menos tenho duas. São pequeninas, é verdade. Não servem para nada, pois não. O meu corpo é muito grande para elas, por isso é que não consigo voar. Mas pelo menos tenho duas asas.

Criança – Nunca tinha visto um pássaro como tu.

Ser Alado – Pronto. Está mal. Para começar eu não sou um pássaro. Eu tenho penas? Não tenho! Eu tenho bico? Não tenho! Não podemos ter um par de asas, pensam logo que somos um pássaro.

Criança - Como é que te chamas?

Ser Alado – Muna.

Criança – Então és uma menina!

Ser Alado – Pronto! Já estás a gozar com o Muna.

Criança – Se não és uma menina porque é que te chamas Muna e tens uma voz fininha?

Ser Alado – *(imita voz do puto)* Olhem para mim, tenho uma voz grossa. *(normal)* Toda a gente goza com o Muna, é uma coisa... A minha voz até é bem bonita. O meu único problema é não ser capaz de voar.

Criança – Queres que te ensine a voar?

Ser Alado – Tu sabes voar?

Criança – Claro que sei voar. Posso ensinar-te.

Ser Alado – Estás a enganar o Muna.

Criança – Não estou nada. Só tens de tomar balanço. Qual é o teu pé de apoio?

Ser Alado – Eles apoiam-me os dois, são muito compreensivos.

Criança - Está bem. Põe um à frente. Vamos tomar balanço. Corremos até ali e quando lá chegarmos eu digo “aqui!” e tu voas.

Ser Alado – Quando chegares ali dizes aqui? Então porque é que não dizes já aqui?

Criança – *(confusa)* Não. Primeiro temos de correr. Só ali é que voas.

Ser Alado – Então dizes ali?

Criança – Sim, eu ali digo “aqui”.

Ser Alado – Aqui ou ali?

Criança – Esquece. Corremos e quando eu disser “já” comesças a voar.

Ser Alado – Está bem.

Correm os dois. Quando a Criança diz “já” pára de correr e o Ser Alado começa a andar às voltas. Entra a Menina das Gaiolas e fica a observá-los. Traz com ela a Lua dentro duma gaiola.

Ser Alado – Estou a andar à volta, estou a andar à volta! Nunca tinha conseguido fazer isto.

Criança – Tu és esquisito.

Ser Alado – Obrigado, tu também.

Criança – Eu não sou esquisito.

Ser Alado – Isso é o que tu pensas. Tu não és esquisito para ti, mas és esquisito para mim. Quantos anos tens?

Criança – Sete.

Ser Alado – Eu tenho setecentos. Tens vontade de fazer xi-xi?

Criança – Não. Porquê?

Ser Alado – Pareceu-me.

Menina das Gaiolas – *(aproximando-se)* Olá. Eu sou a Muna. E tu?

Ser Alado – Olá. Eu sou o Muna. E tu?

Menina das Gaiolas – Eu sou a Muna. E tu?

Ser Alado – Eu sou o Muna. E tu?

Menina das Gaiolas – Eu sou a Muna. E tu?

Ser Alado – Eu sou o Muna. E tu?

Menina das Gaiolas – Eu sou a Muna. E tu?

Ser Alado – Eu sou o Muna.

Menina das Gaiolas – *(para a Criança)* E tu? Ah! És tu. *(para o Ser Alado)* Posso ser tua amiga?

Ser Alado - *(para a Criança)* Ela é tua amiga?

Menina das Gaiolas – *(para o Ser Alado)* Estás a gostar da brincadeira?

Ser Alado – Estou a gostar de tudo.

Menina das Gaiolas – Queres fazer um jogo?

Ser Alado – Quero.

Menina das Gaiolas – Então eu vou contar até três. Quando eu disser três, tu fechas os olhos.

Ser Alado – Sim.

Criança – *(em segredo para o Ser Alado)* Quando ela disser três desatas a correr.

Ser Alado – Sim.

Menina das Gaiolas – *(fecha os olhos)* Um, dois, três

Ser Alado corre de olhos fechados guiado pela Criança. Menina das Gaiolas bate com a arma no ar. Abre os olhos e procura à volta. A Criança regressa sozinha.

Menina das Gaiolas – Onde é que ele está.

Criança – Voou. Tu ias bater-lhe.

Menina das Gaiolas – Tu estás familiarizado com o conceito “mete-te na tua vida”?

Criança – E tu estás familiarizada com o conceito “deixa os outros em paz?”

Menina das Gaiolas - Merecias que eu te batesse na cabeça por trás com muita força... Ou pela frente, com menos força. Mas infelizmente não tenho tempo. Tenho de ir correr a maratona.

Criança – O que é a maratona?

Menina das Gaiolas - *(corre sem sair do sítio)* É uma corrida. Não fales comigo, já comecei. Tenho de ir ver para onde é que a maratona vai.

Criança – Voltas?

Menina das Gaiolas – Não sei quando é que a maratona acaba nem para onde é que ela vai. Se ela vier para aqui, volto. Mas primeiro tenho de a correr. *(sai a correr levando a Lua)*

Criança fica sozinha e decide brincar aos saltos.

Criança – Vou dar um salto super, hiper... *(pensa)* Se calhar é arriscado demais. *(para o cavalinho)* Vai tu primeiro *(atira o cavalinho)* Boa!

cena 11 – O Croupier

Muna Lumpa põe o Croupier em cena. Croupier observa a Criança a brincar.

Croupier – Que menino tão corajoso. Sei um jogo para meninos pequeninos, queres jogar?

Criança – Eu não sou um menino pequenino.

Croupier – Então vamos jogar um jogo de meninos crescido.

Criança – Eu não sou um menino.

Croupier – Está bem. Eu também sei jogos para rapazes. Sei um jogo para rapazes grandes, fortes e que sabem voar. Será bom para ti?

Criança – Como é que sabes tantos jogos?

Croupier – Eu sou o mestre dos jogos do Cabaret Feliz Mundo.

Criança – O maior cabaret do mundo?

Croupier – Ah! Já conheces.

Criança – Acho que não. Mas gostava.

Croupier – Sou eu quem dá as cartas, quem lança os dados, quem gira a roleta...

Criança – Como é que fazes isso tudo? Com a boca? Tu não tens braços.

Croupier – Enganas-te. Tenho oito. Mas para jogar contigo só preciso destes dois. (*mostra dois tentáculos*)

Criança – Ah! Que nojo.

Croupier – Porquê? Cheira-te a alguma coisa? Tens cocó nas cuecas?

Criança – Cocó? Eu não sou um bebé. Eu acho que me vou embora. Acho que não gosto de ti.

Croupier – Vá lá. Um jogo de crescidos? Aposto que não me consegues ganhar.

Criança – E eu aposto que consigo. (*aproxima-se*)

Croupier – O que é que apostas?

Criança – Não tenho nada para apostar.

Croupier – Tens um cavalinho...

Criança – Eu não posso apostar o meu cavalinho.

Croupier – Porque não? Não disseste que ganhavas?

Criança – Disse.

Croupier – Estavas a mentir?

Criança – Eu não sou mentiroso.

Croupier – Então vamos jogar. (*Tira as cartas*) Eu tenho dez cartas. Dou-te três. Quantas ficam?

Criança – (*contando as cartas que o Croupier tem na mão*) Uma, duas, três...

Croupier – Assim não vale. Só podes dizer um número. Tenta outra vez. Tenho dez cartas na minha mão. Dou-te seis. Quantas ficam?

Criança – (*contando as cartas que ele tem na mão*) Uma...

Croupier – Uma? Está errado. Perdeste.

Criança – Eu estava a contar.

Croupier – Não era para contar. Era para jogar.

Criança – Eu não quero este jogo.

Croupier – Vamos a outro, então. Eu tenho cinco cartas. Um rei, uma rainha, um príncipe, uma espada e um coração. Ponho aqui a espada, o príncipe, o coração e o rei. O que é que falta?

Criança – Ah! Diz outra vez.

Croupier – Eu tenho cinco cartas. Uma espada, um rei, um coração, uma rainha, e um príncipe.

Ponho aqui a rainha, o rei, o príncipe e a espada. O que é que falta?

Criança – És muito rápido. Assim não consigo.

Croupier – Deve ser da febre. Vamos pôr o termómetro. (*põe-lhe o termómetro na boca*) Eu tenho cinco cartas. Um príncipe, uma espada, uma rainha, um coração e um rei . Ponho aqui a rainha, o rei, o coração e a espada. O que é que falta?

Criança – (*tenta falar com o termómetro na boca*) Um, um, um...

Entra Felizmundo.

Felizmundo – Príncipe!

Croupier – Perdeu o menino, ganhou o Dom Felizmundo. Dá cá o termómetro. (*tira o termómetro à Criança*) O cavalinho é do Dom Felizmundo. (*tira o cavalinho à Criança e dá-o ao Felizmundo*)

Criança – Eh! O meu cavalinho. Não valeu. É batota. Quero jogar outra vez.

Croupier – O menino não tem mais nada para apostar. Dom Felizmundo vai cantar. A mesa de jogo acaba de fechar.

cena 12 – Felizmundo e o número dos bichinhos perdidos

Felizmundo vai até à boca de cena.

Felizmundo – Cantiga do escaravelho e da baratinha. Preciso de dois voluntários.

Criança – Oh velhote, dá-me o meu cavalo.

Felizmundo – Ah! Já temos o escaravelho. Falta-me a baratinha.

Entra a Menina das Gaiolas a correr.

Menina das Gaiolas – Olha, a maratona passa por aqui!

Felizmundo – E aqui temos a baratinha. Aos seus lugares... Aquele que melhor actuar, (*mostra o cavalinho*) este prémio vai ganhar.

A Criança e a Menina das Gaiolas seguem as indicações de Felizmundo. Felizmundo canta e os meninos representam.

Felizmundo - Era um dia um escaravelho
Que foi passear
Mas perdeu-se no deserto
Sem saber voltar

Coitadinho do bichinho
Tão perdido e só
Sem ter água nem comida
Coitadinho, oh!

Era um dia uma barata
Que foi passear
Mas perdeu-se na floresta
Sem saber voltar

A coitada da barata
Estava preparada
Tinha água e comida
E esperou sentada

Menina das Gaiolas – Estou à espera.

Felizmundo - O pobre escaravelho
Resolveu andar
Esperando que alguém ouvisse
Pôs-se a gritar

Criança grita.

Felizmundo - E alguém ouviu os gritos
Naquele deserto
Foi salvo o escaravelho
Por ter sido esperto

Criança mima a vitória.

Felizmundo - A barata convencida
Que a encontravam
Não andava nem gritava
E os dias passavam

Menina das Gaiolas – Então, ninguém me vem salvar?

Felizmundo - Nunca mais ninguém a viu
Nunca mais voltou
Por não ter pedido ajuda
Ninguém a salvou

Menina das Gaiolas – Olha! Então deixaram-me aqui?

Felizmundo – Parabéns meu rapaz! És um justo vencedor. Não és um perdedor. (*devolve-lhe o cavalinho e sai*)

A Criança levanta-se contente. A Menina das Gaiolas está furiosa.

Menina das Gaiolas – Estás familiarizado com o conceito de fadiga muscular?

Criança – ãh?

Menina das Gaiolas – Tu só ganhaste porque eu estou cansada porque estou a correr a maratona e já estou em centésimo quingentésimo terceiro lugar, logo atrás do centésimo quingentésimo

segundo. Enquanto tu estás aqui fresquinho. E eu nem queria esse cavalinho para nada. Que nem tem asas nem dá para comer. E agora tenho de ir. Já estou atrasada. Já vem aí o centésimo quingentésimo quarto e eu não quero ser ultrapassada.

A Menina das Gaiolas afasta-se. Depois volta para dar um grito muito alto nas costas da Criança. A Criança assusta-se e cai.

Menina das Gaiolas – Foi só para dizer que também sei gritar. *(sai a correr)*

cena 13 – O Homem Apressado

A Criança está sentada no chão. O Homem Apressado entra e executa manobras de reanimação à criança.

Homem Apressado - Ora temos aqui um menino!

Criança - Eu não sou um menino!

Homem Apressado - Não és um menino. És um jovem. És um jovem pequenino. Ou uma criança muito grande. *(levanta a criança)* Dr. Muna ao teu dispor, meu menino.

Criança - Eu não sou menino!

Homem Apressado - Pois não, tu não és um menino. És um rapaz, és praticamente um homenzinho. Por isso e que não te vai custar nada mostrar a garganta *(pisa a Criança)*.

Criança - Aiiiiii!

Homem Apressado - Não tens nada na boca mas tens muita porcaria na garganta. Tens a garganta inflamada, inchada, esbranquiçada. A tua garganta vai ter de levar uma grande xaropada. Vamos ver os ouvidos: um ouvido, outro ouvido, outro ouvido e outro ouvido. Coisa estranha, tens quatro ouvidos, meu rapaz. *(espreita para dentro de um ouvido)* Curioso, tens a cabeça oca. Consigo ver para o outro lado. *(acena com a mão no outro ouvido)* Olá Dr. Muna, como estás? Tens a cabeça oca porque não estudas. Se estudasses tinhas a cabeça cheia de ideias e cheia de conhecimentos. Vamos ver como estão os teus olhos: Segue o meu dedo. *(movimenta um dedo à frente dos olhos dela e depois ele próprio se movimenta sempre mostrando o dedo)* Agora segue os meus cinco dedos *(abana os cinco dedos à frente da cara da Criança)*. Quando eu estalar os dedos tu és uma galinha *(estala os dedos. A Criança obedece sem pensar)* E agora voltas a ser um menino. *(estala novamente os dedos)*

Criança - Eu não sou um menino!

Homem Apressado - Não és um menino. Não és um rapaz. Não és um jovem. Não és um adulto. Não és um velho rapaz nem um jovem adulto. És sim um grande menino. Vamos ver. *(mede a cabeça com palmos)* Tens mais do que dois palmos portanto não és um menino. Mas tens menos do que três portanto não és um homem. Tens algo no meio portanto és efectivamente um rapaz. Vamos ver se a cabeça funciona *(dá-lhe uma palmada na cabeça)* Muito bem! *(outra palmada)* Muito bem! *(outra palmada)* Muito bem! Agora o tronco. *(dando-lhe pancadas)* Peito para fora, barriga para dentro, costas direitas. *(batendo em vários sítios do tronco)* Não há nada aqui. Não há nada aqui. Não há nada aqui. *(coloca-lhe as mãos na cintura e a Criança ri-se)*. Estás cheio de cócegas meu rapaz *(ele próprio se ri como se tivesse cócegas)*.

Criança - Eu não tenho cócegas!

Homem Apressado - Estás a delirar. Vamos ver a febre Eu sou um óptimo termómetro (*coloca-lhe a mão na axila*). Ui! Está quente, está quente, está muito quente! Vou tirar antes que me rebente a cabeça. Tens quarenta e três graus deste lado. Mais quarenta e três graus do outro. Tens portanto oitenta e seis graus de febre. Estás a suar, não admira (*prova o suor da criança*) Tens o suor salgado. Suor salgado é bom. Se o suor fosse doce eras uma goma ou um chupa-chupa. Vamos ver se as costas estão bem (*coloca-lhe um joelho nas costas e empurra*) Oh! Estavam direitas e eu entortei-as! Vamos ter de as pôr no sítio outra vez (*coloca-lhe um joelho na barriga e empurra*). Já está. Vamos agora examinar os teus cascos (*Pega-lhe nos pés*) Parabéns! Tens os cascos bem tratados. Não tens cascos bífidos, não és uma mula. Não tens língua bífida, não és uma serpente. Estou portanto em condições de afirmar que és um rapaz que tem dois braços, duas pernas e uma cabeça, e que estaria completamente curado, não fosse estar ainda doente. Aceita estes conselhos. Despeço-me com amizade: Dr. Muna ao teu dispor, médico qualificado. Agora vou-me embora sem deixar nenhum recado. (*sai*)

A Criança está dorida do exame médico. Aborrecida brinca aos dinossáurios com as mãos. Um dinossáurio caça outro.

cena 14 – A colecção do Muna Lumpa

Muna Lumpa entra com os seus frascos e com os bichos que caçou. A Criança segue-o como se o fosse caçar. Muna Lumpa come ou lambe os bichos e provoca vômitos à Criança.

cena 15 – Dom Felizmundo e a Lua morta

Entra Felizmundo, a balbuciar entusiasticamente alguma coisa, com uma campânula coberta. A Criança vê Felizmundo.

Criança – Olá velhote.

Felizmundo - Peço desculpa. Não te tinha visto. D. Felizmundo. Dono do cabaret Feliz Mundo, o maior palco do mundo. O sítio onde o publico ri, até ter vontade de fazer xixi. E esta noite temos para apresentar um número de assombrar. Um número de magia que vos dará grande alegria

Criança - Uau! Eu gosto muito de magia! Posso ficar a ver?

Felizmundo - Mais do que ficar a ver, podes ajudar a fazer.

Criança - Ena! Eu vou ser mágico?

Felizmundo - Não. Vais ser meu assistente.

Criança - E o que é que faz um assistente?

Felizmundo - Ficas aqui ao lado e deixas-te estar muito calado. Quando eu contar até três arrancas o pano de uma só vez.

A Criança coloca-se junto à campânula.

Felizmundo - Meninas e meninos, senhoras e senhores, o espectáculo vai começar. Preparem-se para uma luz tal como não há outra igual. Eis uma magia de encantar. Eis a magia do luar. Um, dois, três *(faz sinal à Criança para destapar a campânula.)*

A Criança retira o pano. A Lua não brilha. Atrapalhada a Criança volta a cobrir a campânula.

Felizmundo - Maravilhoso, não é? Não há número igual no mundo *(olha para a campânula e vê que não está destapada)* Oh rapaz! Então a Lua? Tens de a destapar para o número funcionar!

A Criança assustada destapa a campânula. Não há luar. Felizmundo fica transtornado.

Felizmundo - A sua... a tua... a rua... a...

Criança - ... Lua...?

Felizmundo - não brilha! Está estragada. Apagada. Desligada. Mu... pu... lu... tu... tu és um assistente muito incompetente! Estás despedido.

Criança - A culpa não é minha. Eu não fiz nada.

Felizmundo - Rapaz palerma. Como todos os rapazes.

Criança - Eu não sou palerma.

Felizmundo - E agora, e agora? O que é que vou fazer quando Sua Alteza aparecer? D. Felizmundo vai pagar pela falta de luar!

Criança - O que e que se passa velhote?

Felizmundo - Sua Alteza, Sua Alteza...

Criança - Mas qual alteza?

Felizmundo - O Senhor do Mal! Sua Alteza Maligna! Nunca ouviste falar no... Rei dos Melros!

Criança - Dos melros? Mas melros não são passarinhos?

Felizmundo - Dos Elfos. Quais Melros? Sua Alteza é terrível. Leva as criancinhas dos papás e das vizinhas! Não vai ser nada bonito de ver quando o Rei dos Melros aparecer!

Criança - Dos Melros? Mas tu não disseste que...

Felizmundo - Dos Elfos! Dos Elfos! Dos Elfos! Não conheces o Rei dos Elfos?

Criança - Não sei. Acho que... não.

Felizmundo - Vou contar-te uma história, rapaz, que aconteceu há pouco tempo num sítio aqui atrás. De noite pela floresta um pai cavalgava, o seu filhinho doente nos braços levava...

Criança - Ei! Eu conheço essa história!

Felizmundo -... estava uma tempestade horrível, o vento soprava, as árvores abanavam, o cavalo cavalgava. E de repente o filho uma sombra viu..

Criança - Oh! Velhote! Não me assustes! Para lá com isso!

Felizmundo -... e uma voz ao longe ouviu...

Criança - aiiii!

Felizmundo -... era uma horrível gargalhada. Tinha começado a caçada...

Criança - Quem era?

Felizmundo - Era o rei dos Elfos que o vinha apanhar. O filho começou a gritar...

Criança - E o pai?

Felizmundo - O pai pensou que ele estava a sonhar.

Criança - E o que é que aconteceu?

Felizmundo - O Rei dos Elfos ganhou porque o menino não fugiu e o pai não acreditou.

Criança – O Rei dos Elfos ganhou? Apanhou o menino? Essa história é muito estúpida.

Rei dos Elfos – *(fora de cena)* Felizmundo!

Felizmundo – Se não acreditas pior para ti. Dom Felizmundo agora tem de sair daqui.

Criança – Velhote, vais deixar-me aqui sozinho?

Felizmundo – Ficas com a Lua. Podes arranjá-la. Pode ser que te salves quando ele vier buscá-la.

Criança – Ele? Ele quem?

cena 16 – O Rei dos Elfos

Entra o Rei dos Elfos. Felizmundo faz uma vénia. Criança não percebe o que se passa.

Felizmundo – Alteza.

Rei dos Elfos – Feliz, feliz, feliz, feliz dia este Felizmundo.

Felizmundo – Bom-dia, Alteza.

Rei dos Elfos – Já falo contigo, Felizmundo.

Felizmundo – Com certeza.

Rei dos Elfos aproxima-se da Criança e começa a cheirá-lo.

Rei dos Elfos - Já há muito tempo que não cheirava isto.

Criança – Eu não fiz cocó nenhum.

Rei dos Elfos - Não. É um cheiro mais subtil.

Criança – Também não fiz xi-xi.

Rei dos Elfos - Pois não. Cheira-me a novinho, novilho, cheira-me a leite e a bolachinhas, cheira-me a sabonete, cheira-me a menino.

Criança – Eu não sou menino. Sou um super-herói.

Rei dos Elfos - Felizmundo, não me apresentas o teu amigo?

Felizmundo – (*apontando*) Rapaz, Alteza. Alteza, Rapaz.

Rei dos Elfos - Onde arranjaste este rapaz? Está à venda? (*Felizmundo não responde*) Tudo se pode vender e comprar, ou mesmo roubar. E por falar nisso, chegou-me ao ouvido um zumzumzum de que tens algo que me pertence. Foi um passarinho que me contou. Esse passarinho já cá não está, porque alguém o matou.

Felizmundo – Está a falar da sua, da fua, da gua, da pua, da rua, da sua rua, da Lua?

Rei dos Elfos - Felizmundo!

Felizmundo – Chame-me só Muna, sua Alteza. Para si sou apenas Muna.

Rei dos Elfos - A Lua! Onde é que ela está?

Felizmundo aponta a medo para a campânula. Rei dos Elfos aproxima-se e destapa-a.

Rei dos Elfos - Isto é que é a Lua? Onde está o luar?

Felizmundo - Fiz uma magia especial para não lhe fazer mal. Se a Lua não brilhar, não aleija o seu olhar.

Rei dos Elfos - Não me estás a enganar?

Felizmundo – O luar vai já voltar. Com toda a certeza, Sua Alteza.

Rei dos Elfos - Muito bem, velhote. (*Felizmundo suspira de alívio*) Agora deixa-me a sós com o rapaz.

Felizmundo – Certamente. (*para o rapaz*) Coragem rapaz (*afasta-se*) que eu não tenho muita.

Rei dos Elfos – Ainda aí estás, Felizmundo?

Felizmundo desaparece num ápice

Rei dos Elfos - E tu, meu menino...

Criança – Eu não sou um menino.

Rei dos Elfos - “Eu não sou um menino.” Sabes quem é que diz isso? Os meninos. *(a Criança não responde)* Que foi? Fizeste xi-xi nas calças? Não há mal nenhum nisso. Eu próprio fiz xi-xi nas calças até aos cento e vinte e quatro anos. Todos os meninos fazem.

Criança – Eu não sou um menino.

Rei dos Elfos - Então, és uma menina?

Criança – Olha lá, tu além de velhinho também és cego?

Rei dos Elfos - Velhinho? Eu estou na flor da idade. Sabes quem eu sou?

Criança – Sei. És o Rei dos Melros.

Rei dos Elfos - Passaste tempo demais com o velhote. Sempre a trocar-me o nome. Que irritante! Eu sou o Rei dos Elfos! *(dá uma gargalhada maléfica e tenta disfarçar com tosse)* Esta tosse...

Criança – Já ouvi falar de ti. Roubas as criancinhas.

Rei dos Elfos - Não as roubo. Só as levo para brincar no meu palácio. Um palácio enorme, muito bonito... Não queres vir? Levamos a Lua connosco.

Criança – Não.

Rei dos Elfos - Podes brincar com as minhas filhas. Não tens de ir à escola quando não te apetece, nem tens de fazer os trabalhos de casa. Não tens de arrumar os brinquedos nem de lavar as mãos antes de ir para mesa. E ao jantar só comemos bolos, doces e guloseimas.

Criança – Oh! Não acredito. Diz a verdade. Para que é que queres a Lua?

Rei dos Elfos - Para a fechar num baú e a noite ficar sempre escura. Sem luar ninguém me vê. Posso aproximar-me das crianças como se fosse uma sombra. E então? Vens comigo? Se não quiseres vir, eu não te vou obrigar. Ou será que vou?

Criança – *(disfarçando)* Eu vou contigo. Também não gosto da Lua. E até te posso ajudar.

Rei dos Elfos - Um menino a ajudar o Rei dos Elfos?

Criança – Sim. Posso ser o teu braço direito.

Rei dos Elfos - Obrigado. Mas já tenho um braço direito.

Criança – *(pondo-se à esquerda do Rei dos Elfos)* Deste lado não tens.

Rei dos Elfos - Não está mal pensado.

Criança – Já viste o que podias fazer com dois braços direitos? Eu aprendia contigo e podia ser uma grande ajuda.

Rei dos Elfos - E se fosses um bom braço eu até te dava a mão da minha filha.

Criança – Para que é que eu queria a mão dela?

Rei dos Elfos - *(sem ouvir)* Repara. *(pega na Lua)* Agora tenho a Lua no meu braço direito. Se precisar dele para alguma coisa, posso passá-la para o meu braço esquerdo *(passa a Lua de braço)*. Mas se precisar dos dois braços, posso passá-la para o meu outro braço direito. *(entrega a Lua à Criança)*. Fantástico!

A Criança começa a afastar-se com a Lua na mão.

Rei dos Elfos – A verdade é que o meu braço esquerdo sempre me serviu de pouco. Apoia o queixo quando estou a pensar e pode coçar-me a cabeça quando tenho comichão. Mas o braço direito é que faz quase tudo. E agora com dois... Posso agarrar, puxar, abanar, esmagar! E tudo a dobrar! Graças a ti, *(vê que a Criança se afastou)* rapaz! Onde vais tu, com essa lua?

Criança – Pô-la no céu.

Rei dos Elfos – Ai não vais não.

Criança – Ai vou, vou. Eu sou um super herói, não tenho medo de ti.

Rei dos Elfos – Não te atrevas.

O Rei dos Elfos aproxima-se. A Criança dá um pontapé à Lua que a devolve ao céu.

Rei dos Elfos – *(grita)* Não! *(ameaça)* Vou esmagar-te, vou triturar-te, vou desfazer-te e pôr-te a secar. Vou transformar-te em papa para dar de comer às minhas filhas. Em suma, vais pagar!

Rei dos Elfos prepara-se para atacar.

Criança – Eu tenho uma arma secreta. *(grita)* Mãe! Pai! O Rei dos Elfos, não estão a ver?

Pai off – Estamos a ir.

Mãe off - Já vamos.

Rei dos Elfos foge.

cena 17 – de volta ao quarto

Entra a Mãe.

Mãe – Tem calma. Já estou aqui. Está tudo bem. Estavas a sonhar?

Criança – Não. Estava a lutar com o Rei dos Elfos.

Mãe – E ganhaste?

Criança – Ganhei. Ele quis roubar a Lua mas eu consegui pô-la outra vez lá em cima. Ela estava presa no Casino do Felizmundo, onde está o homem polvo, que tinha roubado a Lua à menina das gaiolas. Mas quem a tinha mandado tirar do céu foi o Rei dos Elfos. E depois ela perdeu a luz,

porque estava fechada, assim numa caixa de vidro. Mas eu depois dei-lhe um chuto com toda a força e ela voltou para o céu e voltou a brilhar.

Entra o pai.

Mãe – Ena. Que grande aventura. Foste um herói.

Criança – Um super-herói.

Pai – Deves estar muito cansado.

Criança – O cavalinho também está muito cansado.

Mãe - Já estás com menos febre.

Pai - Amanhã já podes ir brincar com os teus amigos.

A Criança está deitada. Os Pais vigiam-na. A Lua brilha.

Criança – Pai, acreditas que eu estive em Muna?

Pai – Claro que acredito.

FIM